

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 18000 RS. SEMESTRE
(25 NUMEROS) 5000 RS. ANNUO
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 18125 RS., SEMESTRE
(25 NUMEROS) 5000 RS. ANNUO
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL, 18500 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA Nº 7

AVEIRO

AS TOLEIMAS SANITARIAS

Os medos do sr. Barjona e os disparates dos sabios da junta de saude haviam de produzir necessariamente resultados funestos. E sina dos nossos homens publicos nunca fazerem cousa com geito! Alem da falta de aptidões e de saber na maioria dos casos, não tem energia nem coragem para investir com a anarchia que nos invade de todos os lados, reparando erros e corrigindo abusos.

Quando o cholera se desenvolveu em Hespanha, todo o mundo applaudia a actividade de que o governo parecia dar mostras. Se a saude publica porrigada era urgente salvar a por medidas radicais e efficazes, medidas que nenhum facciosismo politico poderia levar a combater. Mas por isso mesmo, mais digno se tornaria o governo de censuras se em lugar de se guiar pelo bom senso e pela prudencia, se deixasse arrastar na corrente caracteristica da monarchia portugueza, a corrente da toleima, do *laissez aller*, do abandono ou do compadrio. Foi o que succedeu.

Em primeiro lugar, é incontestavel que o cordão sanitario foi util, utilissimo até. Foi elle talvez que nos salvou por este anno da invasão cholericã. Mas não é menos certo que se está formando verdadeiramente insupportavel nas condições em que se acha. Um serviço violento como é o do cordão, em povoações menos hygienicas ás vezes do que as que tem fama de ser menos hygienicas em Africa, sem comodidades nenhuma, a travéz de mil privações, é horrivel ao fim de trez meses quanto mais ao fim de seis ou sete. Os soldados andam doentes, andam rotos, andam esfarrapados, andam desalentados e aborrecidos de tudo. Por conseguinte, hoje só não atravessa a linha quem não quer.

Se nós formos a examinar os inconvenientes e os prejuizos do cordão, não diramos que sejam tão grandes como os que resultariam da entrada da epidemia no paiz, mas aproximam-se-lhe bastante. Se a epidemia nos invadissem, poder-se-hia localisar, abrandar ou soffocar com medidas geraes de hygiene, a que presidisse a ciencia e o bom senso. Enquanto que o cordão já nos custou mil e quinhentos contos, difficuldades enormes para o commercio que traduzidas em algarismos não andarão por menos de trez mil contos, e a vida ou a saude de centenas de homens, sem contar com o golpe terrivel que levou á boa ordem e disciplina militar. Este é que é o facto, que ainda não vimos para abi desenvolver e precisar a ninguém. Quantos soldados não tem morrido, victimas da sua dedicacão? Quantas dezenas d'elles não ficaram inutilizados para sempre nos districtos do Alemtejo principalmente, em alguns da Beira Baixa e n'outros de Traz os Montes? Só vê-los corta a raiz do coração, como se diz em boa linguagem popular.

Todavia não é a existencia ou a efficacia do cordão que queremos agora discutir. Pelo contrario, nós somos dos que julgam ainda que foi efficaz, que foi util, que foi preciso. Estamos discutindo o apreciando as medidas do governo. O governo queria estabelecer um cordão a sério? Chamasse todas as reservas, que o paiz não chora nem regateia o dinheiro nas grandes necessidades nacionaes. Chora, e com razão, o que se esbanja, o que se dá, o que se rouba. O que o paiz não pode querer, e não quer com certeza, é que se perca a vida dos seus filhos sem vantagens provadas para ninguém. E o cordão, tal qual está, arruina os soldados, absorve dinheiro, difficulta o commercio, sem satisfazer a nenhum fim de utilidade, porque é atravessado a todas as horas e momentos, o que não succedia ao principio e o que não succederia se o governo pelo chamamento das reservas tivesse tropas frescas para substituir em tempo competente as que lá ser-

vem. As cousas, ou se fazem com rapidez e justiça ou não se fazem.

O cordão foi efficaz, foi util, foi preciso. E ainda o será? Que não é util ou efficaz já nós o demonstrámos; e não sendo util, nem efficaz, não é preciso. Depois de um caso muito grave, que demanda as attentões de toda a gente. Sabe-se que o governo está com vontade de o fazer retirar, porque não tem vintem, e ainda não o mandou retirar por causa dos boatos constantes que lhe chegam do apparecimento de novos casos de molestia suspeita na fronteira. Ora diz-se, dizem os nossos officiaes, dizem os sargentos, dizem os soldados, que os taes boatos obedecem a uma torpissima especulação. Diz-se que são os fornecedores da linha, que ganham com ella rios de dinheiro, de accordo com varios administradores de concelho, seus socios nos interesses, e com varias auctoridades hespanholas a que *untam as mãos*, que promovem as noticias falsas que o governo recebe. E o facto é que tanto ellas são falsas que logo se desmentem officialmente! Quando o cholera se afigura extinto ou vai fingido de nós surge de repente a noticia de que appareceu n'um ponto qualquer da fronteira. Ha um movimento rapido de tropas, há deslocacões, há pânico, ha o diabo, e dois dias depois averigua-se que o tal cholera ou molestia suspeita não passava d'um ou outro caso de typho, vulgares em povoações raias. Com excepção da ilha Christina, é o que se tem dado em toda a parte até hoje. Ora isto, alem de torpe e indigno, é nefastissimo para o espirito de soldado sob todos os pontos de vista.

Fallámos em primeiro lugar do cordão. Que diremos das celebres inspecções sanitarias nos caminhos de ferro, d'um ridiculo sem igual, e das quarentenas para as procedencias de portos onde nunca houve cholera? Nada; os acontecimentos dizem mais de que nós. Os grandes importadores de vinhos de Libourne e Bordeaux acabam de resolver não comprar nem mais um decilitro de vinho a Portugal enquanto

durarem as observações e quarentenas para as procedencias de portos onde nunca houve cholera. Isto é a bancarrota em lugar do cholera, porque está provado que só as quantias enormes que a exportação de vinhos deu ao paiz nos livramos este anno d'um grande desastre financeiro! E eis como o governo arranjou um chicote para lhe retalhar a pelle no petro de vadios a que a nação o atou, do que poderia ser para elle um titulo de gloria.

OS BURLOS DA TERRA

Vá ler a nossa secção *Para Rir* do dia 26 de julho, sr. Mendes Leite! Medite nas palavras que ahí escrevemos n'esse dia, sr. Gustavo! Bem recommendavamos nós ao sr. governador civil que não desse mais ossos ao Galino, porque aquelle maroto era capaz de vender a alma aos progressistas, como a tinha vendido já aos republicanos, ao diabo e ao Zé Dias! Nós bem avisámos o cabo de guerra dos constituintes! Nós bem lhe dissemos que o tratante vendia a alma ao Vilhena e o verso ao Firmino e que o Zé Dias ficava sem alma, sem dinheiro e sem jornal. O verso não lhe fazia falta, porque o Zé Dias não gosta de verso!

Ahi têm. Elle são os primos e os primos são elle. Quatro pessoas distintas e uma só verdadeira: — mysterio ainda mais intrincado que o da trindade catholica. E o primo por causa do primo acaba de dar em v.º exc.º um dos pontapés mais merecidos e notaveis de que ha memoria por cá. Merecido, notavel e indecente ao mesmo tempo, porque a indecencia é inseparavel d'aquellas pessoas.

Immundo, repugnante tudo isto. Não ha ninguém que se não lembre da baixa conducta do governador civil para com os republicanos em varias scenas que se deram para ahí. Ninguém ignora a maneira porque o espirito satânico do cabo de guerra do sr. Dias Ferreira ludibriava o cavalheirismo d'um nosso amigo, que dencia do seu governo, a Turquia pode sempre contar com o fanatismo dos seus habitantes; amoaçados na sua existencia, est'outros podiam, n'um impulso de desespero, recusar-se a aceitar as decisões do Congresso e fazer pagar caro a Europa a obrigação em que se achava de impor a submissão á sua vontade.

os julgava a todos mais levantados e mais nobres. Entretanto cinco meses depois não se envergonhavam de recorrer a todos os meios para sacar o voto na reunião dos quarenta maiores contribuintes ao nosso amigo Ponce Leão Barboza, esquecendo-se de que a isenção d'este nosso amigo, com quem antes haviam procurado intrigar-nos por todas as formas, estava muito acima das suas miserias, de que tínhamos com elles contas velhas a ajustar e de que a nossa tempera é d'aquellas que só deixam liquidar essas contas com a morte. Entretanto ainda hontem mendigavam o voto do sr. Ponce Leão Barboza, que se fartaram e fartam de cobrir de vituperios, em quanto os garobos que tanto proteleram se passavam para o campo da Granja com armas e bagagens. Repetimos, tudo isto é immundo, é repugnante, é torpe!

O primo de part na janella e armas á porta absteve-se de votar na eleição da commissão de recenseamento? Percebe-se! O mano quer osso e os progressistas estão a ir ao poder. Nem ao menos soube cobrir a deserção; acabaram de provar que pertencem a quem mais ossos lhe der! Mas então, de que vos servia o voto do sr. Ponce Leão? Para que andastes a incommodar este nosso amigo, se nem a troupe que vos cerca sois capazes de conter no covil?

Descaçae; são intteis os vossos esforços. Ou a garotada vá ou não vá definitivamente para o campo da Granja, haveis de esmurrar o nariz tantas vezes quantas aquellas em que o levantar-des para o ar.

Nunca será vosso o fel da balança. Raça de perfidos, que ha de pagar com usura as perfdiasinhas!!

AS HORAS DE TRABALHO

As nossas accusações vão concorrendo para que os homens de melhor valia no partido republicano, receiosos da onda de

diferente que um Hohenzollern, um Habsburgo, um Romanoff ou um Disraeli obtenha satisfacões, no estado actual da Europa, só podem ser ephemeras.

«Eu trago um principio, dizia o principe de Talleyrand proclamando a legitimidade no congresso de Viena. «Eu trago um principio, devia repetir o sr. Waddington na primeira sessão do Congresso de Berlim. «A Europa quer acabar sinceramente com esta eterna e irritante questão do Oriente? Collocando o interesse geral acima de cobias e rancores pessoais entende, em nome da liberdade e da paz, que deve dar ás populações gregas e slavas as satisfacões que o direito e a logica reclamam? A situação creada á Turquia pela victoria dos russos permite á Europa que termine sem derramamento de sangue a interminavel questicão que dilacera o Oriente. A França está resolvida a sancionar as soluções que corresponderem ao principio d'equidade e de razão; mas a França não se pode empenhar senão pela defesa d'este principio.»

Deveria ser esta a nossa unica lin-

FOLHETIM

A POLITICA MONARCHICA

FRANÇA REPUBLICANA

A GUERRA DE 1870

O CONGRESSO DE BERLIM

A questão do Oriente é uma mera questão de tempo. A sua solução é conhecida; é, para os povos dos Balkans, depois do direito de viver livres, o direito de se constituirem em estados independentes.

Como esta solução, inevitavel, poderia ser apossada, senão resolvida de maneira definitiva, por occasião do tratado franco-turco? A Turquia, então abalada, tolerava tudo,

russo que libertasse os Slavs do mar Egeu ao Danubio e a Europa poderia intervir para acabar a obra de libertação começada pela dedicacão dos russos, porque foi o espirito de sacrificio e o sentimento de fraternidade que levou os russos d'esta vez a verter o seu sangue para salvar da barbara oppressão dos turcos os seus irmãos de raça e de religião.

A Europa interveio realmente, mas para pôr tudo como estava, para adiar para uma epocha longuissima, indeterminada, a solução que acharia immediatamente sem difficuldades.

A Bulgaria e a Romelia ficavam independentes dos russos? Porque é que não deram tambem á Grecia a parte legitima que lhe competia no continente e no Mediterraneo? Já que tiraram a Turquia a Bosnia e a Herzegovina para que fizera d'ellas partilha da fortuna mal segura dos Habsburgos, em lugar de lhes conceder uma autonomia proveitosa aos seus interesses? O imperio ottomano, reduzido á impotencia, era então incapaz de se oppor ás decisões da Europa, forte na sua justica e no seu desinteresse.

O congresso de Berlim decidiu por outra forma; as dynastias da Europa central manejaram o tratado de San Stefano ao sabor dos seus interesses pessoais. Seja. O direito não tem ainda bastante força para resistir como senhor; é questão de paciencia e de pouco tempo.

IV

Mas que necessidade tinha o nosso paiz em sahir d'uma reserva que tudo lhe impunha, para collaborar em soluções d'esta natureza?

Era digno e prudente ao mesmo tempo que a França não assistisse, em Berlim, a um congresso que devia afirmar a politica egoista dos soberanos com um tão completo desdém pelo direito e pela logica, com um abandono tão cruel de populações desgraçadas, dignas de melhor sorte.

Restituir primeiro á Turquia a maior parte do seu poder e permitir-lhe que reconstituísse as suas forças para em seguida lhe arrancar algumas fachas de terreno, tal foi a obra dos diplomatas reunidos em Berlim. Apesar da deca-

reacção que cresce contra elles; saiam do torpor a que os condemnou a propria inercia e porventura a imbecillidade ou ignorancia da maioria que os cerca, senão a má vontade de muitos contra todos os grandes principios democraticos. O sr. Consiglieri Pedroso, que censurados aqui ha tempos por deixar passar com o sr. José Elias a legislatura passada sem que n'ella levantasse uma só das graves e complexas questões sociaes, as mais graves e as mais importantes dos tempos actuaes, acaba de apresentar á camera dos deputados um projecto de lei fixando em nove horas o dia normal de trabalho para os jornaleiros adultos em todas as officinas, fabricas e arsenaes do estado; para todos os jornaleiros adultos empregados nas direcções de obras publicas dos diversos districtos e em todos os outros serviços analogos do estado.

Não ouvimos as observações com que o deputado republicano acompanhava o seu projecto, porque não perdemos tempo a presenciar as miserias e a ouvir as tolices dos representantes da nação, nem tivemos ainda occasião de as ler no *Diario das Camaras*; todavia é de crer que hajam sido judiciosas e sensatas, não obstante a desconfiança permanente em que nós estamos e em que todos devem estar contra o doutrinarismo obsoleto, a ignorancia e o idealismo das nossas emiñencias republicanas, principalmente em questões socialistas. E desde logo a yimos confirmada pela restricção do projecto do sr. Pedroso, que esquece o operario em geral para pedir regalias só para o operario do Estado, que não faz acompanhar aquelle projecto de outro projecto sobre os salarios, duas faces inseparaveis da mesma questão, e que só nos falla em adultos sem reclamar um regimen largamente democratico e bem pensado para o trabalho dos menores. Ficaremos com isso de reserva, esperando que o sr. Pedroso continue no caminho em que está com as mesmas boas intenções com que n'elle parece entrar.

A questão da diminuição das horas de trabalho é d'uma importancia ultra, e por isso mesmo suscita divergencias sobre a maneira de a resolver. E a nossa obrigação como reformadores é estudar os pros e contras d'estes problemas seriissimos, ve-los nos seus meios e na sua applicação, a fundo, a valer, sem declamações piegas ou banalidades de artigo de fundo.

Yves Guyot, que é uma autoridade n'estes assumptos, não admittie a intervenção do Estado para a diminuição das horas de trabalho. «O homem, diz elle, não é sem duvida uma machina destinada a produzir este ou aquelle artigo sem descanso; uma ferramenta inerte, uma especie de denté de engrenagem obrigado a girar continuamente até á deterioração completa. Uma semana compõe-se de 168 horas; 16 dias de trabalho a 10 horas dão 60 horas; ficam 108 horas. Se tirarmos

nove horas por dia para dormir, comer, ir do trabalho e voltar, ficam 15 horas para as affeições de familia, as reuniões, a leitura, o estudo, as relações e os negocios pessoais. E' muito? Parece-me que não. Mas a questão não é essa: a questão é saber se pertence á lei fixar a duração das horas de trabalho, se se pode dar aqui a intervenção do Estado. Eu repullo-a. Que os trabalhadores tenham a liberdade de se associar, de fixar os seus salarios e as condições do seu trabalho. Mas se o Estado intervier na fixação das horas de trabalho, não ha razão para que não intervenha na fixação do salario. Para que a medida aproveite verdadeiramente aos trabalhadores, é preciso que o Estado formule a sua lei como se segue:— as horas de trabalho serão reduzidas a nove; o salario não será reduzido.»

E porque a não ha de formular assim? Se o estado diminua as horas de trabalho e diminua os salarios em proporção, ou consente que os diminuam, deixa ficar tudo na mesma, com a circumstancia aggravante de ter brincado com a miseria, o que poderá não ser das melhores cousas nem para si, nem para os outros.

Guyot, todo inglez, não quer a intervenção do Estado porque julga o proletariado forte em toda a parte como na Inglaterra para resolver por si o problema. Ora é isso que não succede. Nem o temperamento da raça latina é frio e observador como o temperamento inglez, nem a educação do proletariado é a mesma nos varios paizes, nem gosa cá fora das prerogativas de que gosa na Gran Bretanha. Se o operariado inglez está hoje um pouco nas condições de negociar vis-a-vis do capitalismo, deve-o á lucta tenaz que sustenta ha muitos annos com a burguezia e á larga educação politica da Inglaterra que lhe tem valido do governo concessões que se não obtêm n'outra parte, taes como a do reconhecimento das *Trades Unions*, da *protecção aos menores* etc. Na Inglaterra é a opinião publica que dirige mais ou menos. Nos paizes latinos é a vontade de qualquer favorito. Para que os operarios possam, pois obter por si as regalias de que precisam é necessario levantá-los, porque quando uma das partes contratantes é mais fraca, é sempre essa que soffre no negocio. E' preciso educá-los, desenvolver-lhe o espirito, conceder-lhe protecção e um dos meios mais poderosos de a obter é sem duvida a redução nas horas de trabalho.

Malon, um dos corypheus do partido operario francez, é mais preciso nas suas reivindicaciones. Agrada-nos mais a sua linguagem, porque é melhor expressão da justiça e da verdade. «Entre as reformas reclamadas, aqui pelas grèves, alli pelos congressos operarios, e inscriptas no nosso programma, a diminuição das horas de trabalho é uma das mais urgentes e das mais importantes.

Os partidarios da revolução immediata acharão que não vale a pena, mas os desgraçados e as desgraçadas que são extenuados e maltratados nos bagnes (1) capitalistas, durante quatorze e dezesseis horas, acharão, pelo contrario, que essa reforma é das mais urgentes a adquirir. As longas sessões de trabalho não só degeneram physica e moralmente a classe operaria, como são o agente mais energico de embrutecimento e resignação. Guizot comprehendia-as bem quando exclamava:— *O trabalho é um freio*. Os privilegiados que, trabalhando na sua hora legal, repousam quando estão fatigados, não sabem o que é a espantosa tortura do trabalho forçado durante 12, 14 e 16 horas, em que as brutalidades e insolencias do contra mestre, juntam a dor moral á dor physica de lancinante fadiga.

E a extenuação tem por consequencia a atrophia moral, prepara gerações de escravos! E' preciso ter uma tempera de aço para nada perder da energia propria em dias de doze a dezesseis horas de trabalho. Os operarios, assim extenuados deixam de ter a força moral necessaria para trabalhar collectivamente no melhoramento do seu destino; a extrema fadiga do corpo suffoca a actividade do espirito.

O partido operario andou, pois, habilmente em pôr na primeira linha das suas reivindicaciones immediatas a diminuição das horas de trabalho, que importa não só melhoramento immediato na condição dos trabalhadores e regeneração da raça, mas ainda augmento da dignidade e da força intellectual dos proletarios, sentimento mais vivo da necessidade de marchar collectivamente á conquista de novas regalias.»

Estas palayras do notavel socialista francez exprimem perfeitamente a necessidade e a conveniencia da adopção do projecto do sr. Consiglieri Pedroso, cujas restricções aliaz lamentamos. Entretanto nós, os iacobinos, que temos tratado n'este periodico as mais graves e serias questões portuguezas enquanto os que nos chamam exaltados andam n'um idealismo ridiculo e n'uma ignorancia completa de todos os negocios publicos, ficaremos satisfeitos com o bom resultado d'essas tentativas socialistas do deputado republicano. Aqui não ha, nem pôde haver odio de escola. Diremos como Augusto Laugel:

«O que são os problemas constitucionaes ao pé d'esse grande problema:—fazer viver o povo? Que importam os partidos politicos, se ha um partido de fome? As questões sociaes, as que dizem respeito ao salario, á organisação e emprego das economias, á educação do povo, aos alojamentos dos operarios, á sua hygiene, ao seu bem estar, tornaram-se as grandes questões que occupam os estadistas mais serios; serão ellas, sem duvida, que attrahirão as atenções de toda a Europa

(1) prisão de forçados

nos fins do seculo desenove. Perde o direito de politico o que desconhecer a sua importancia extraordinaria.»

Voltaremos ao assumpto na primeira occasião.

Carta de Lisboa

15 de Janeiro.

Falla-se na campanha parlamentar que se avizinha. Diz-se que os progressistas se preparam para atacar o governo duramente. Mas como, com que autoridade? Eu não sei se os progressistas estarão realmente resolvidos a investir de vez com o ministerio regenerador. Creio que não, e os acontecimentos dão razão ao meu scepticismo ou á minha duvida pelo menos. Mas ainda que o estejam, a verdade é que o seu credito é tamanho no conceito publico, a sua exautoração tão completa, que pouco ou nada poderão fazer se os *fontistas* lhes quizerem resistir. Agora o que é possível, o que se afirma, e para ahí me inclino eu, é que os regeneradores queiram largar o poder e que este simulacro de batalha não seja mais de que uma comedia entendida e combinada. As difficuldades administrativas são grandes, as difficuldades economicas ainda são maiores, e, como se sabe, o sr. Fontes só governa com caminho aplanado e muito dinheiro ao seu dispôr. Não sendo assim, veem-lhe as dores de dentes e vae-se embora.

Só isso poderá valer aos progressistas, nem lhe vejo outro recurso! De resto herrarão, gritarão, estrebucharão, que o paiz, e Lisboa principalmente, não dará pelos berros, nem pelos gritos, nem pelos ataques epilepticos de tal gente. Quem não vive em Lisboa desconhece os sentimentos d'esta nobre população para com os granjolecos. Não os chega a detestar; nutre por elles um tedio profundamente acentuado. E tanto que os granjolas já não ousam disputar nenhuma eleição com lista sua! Quando se fazem n'esse ponto petulantes levam bordoadas em toda a linha, como levaram nas ultimas eleições de deputados e como os regeneradores levariam em doses perfeitamente eguaes se os republicanos fossem mais serios e mais habéis. E é bem justificado esse tedio. Eu nunca vi nada mais apelintrado de que os taes chefes progressistas. Hoje insultadores do Paço, amanhã sabujos da mesma realza que insultaram como regateiras da praça da Figueira; hoje unidos aos republicanos contra aos regeneradores, amanhã unidos aos regeneradores contra os republicanos; hoje catões que apregão o seu desprendimento e fallam de papo nas algibeiras varias, amanhã directores dos caminhos de ferro para encher as algibeiras. O Zé é que os classificou com propriedade:—é tudo uma canalha.

— Realisaram-se hontem as exequias solémes por alma de D. Fernando. Outra cerimonia ridicula da Corte, como ridiculas são

ellas todas afinal. E eu que co-nheço tão boa gente obrigada a presença-las! Seja para remissão dos seus peccados. Se quer ao menos, ri-me duas vezes a valer á custa d'esta ultima. A primeira foi no largo da Estrella, junto á Egreja. A multidão, alli, era enorme. Apenas deixava de intervalo um pequeno carreirinho, sustentado por policias, que conduzia ao interior do templo. Passa uma mulher. O vento desordenado, impetuoso, investe-a por detraz e mostra-nos uma parte da Eva no paraizo terreal. Ouve-se então a voz d'uma creança, que exclama:—*olhe, mãe, parece mesmo a cara da tia Gestrudes!* Ha muito tempo que não ouço tão estrondosa gargalhada. A hilaridade foi geral e prolongou-se por alguns segundos. Abençoada creança, que deste a primeira nota picaresca n'aquella borracheira que profanava o culto que se deve aos mortos pelas toleimas de que se revestia, e que abriu um parêntesis delicioso no aborrecimento que me invadia!

A segunda foi á noite, n'um café, junto d'uns poucos de amigos, a ver a maneira perfeita porque um companheiro meu imitava os cumprimentos das embaixatrises á rainha. Nem todos os leitores conhecerão os cumprimentos que impõe a pragmatica. Lembram-se d'aquellas boas operetas de Offenbach, em que os comparsas, de dedinhos para o ar, se abaixam e elevam, curvando e indireitando as pernas, n'um movimento perpendicular? Pois são esses os cumprimentos femininos cá da corte, cheios de ridiculos, como veem, e altamente compromettedores depois da gente ter visto a Gran Duqueza e o Barba Azul. Está-se sempre á espera de uma fragalhada, ou pelo menos d'uma *fungadella* em plena assemblea. Faria identica *mesura* o sr. Emygdio Navarro, o representante da camara municipal de Aveiro, que deu agora em adular a sr. D. Maria Pia n'uns termos que estão requerendo musica de Girelli-Girelli? O que são os homens, ou antes, em que se convertem quando a barriga se lhe desenvolve mais de que o cerebro!

Já que estou fallando em ridiculos, deixem-me citar-lhe um outro que provoca o riso da gente seria de Lisboa e que dá a medida exacta d'esta reles burguezia, que se afunda, como a do segundo imperio, n'um charco de miserias. Refiro-me ao *fazer da avenida!* A avenida, como talvez não ignorem os que me leem, é hoje uma verdadeira belleza em Lisboa, uma *abertura* central deliciosa por onde transitam, a par d'um ar puro e fresco, os cogumellos da ociosidade lisbonense. Como dá ideia das grandes arterias das capitães estrangeiras, corre alli tudo quanto ha de *chic* e para a imitação ser completa os palermas dos dois sexos em lugar de dizerem *Vamos passear pela avenida!* dizem—*Vamos fazer a avenida!* Para a menina do *high-life*, para o *petit crevé* a grande moda n'este instante não é ir passear pela avenida é ir—*fazer a*

FERNAND MAURICE

(CONTINUA.)

guagem, linguagem impossivel aliás em 1878, porque nem por interesse, nem por sentimentos a França tinha nada que fazer em Berlim. A sua dignidade impunha-lhe abstenção completa.

Assistindo a um congresso dos representantes das dynastias encarregados de proceder a uma constituição caprichosa e a uma partilha arbitraria dos Estados, o que fazia ella senão reconhecer ao vencedor o direito de accrescentar os seus dominios á custa e contra a vontade do vencido? Ratificava implicitamente a annexação da Alsacia-Lorena ao imperio germanico. Os alsacianos-loreños, francezes arrancados á França, são tão dignos de piedade como os bulgaros ou os epirotas submettidos ao Grão-Turco; declarando que os resultados do tratado de Francfort não podiam ser objecto de discussão n'este congresso em que cada um fazia *catálogo* d'uma solicitude hypocrita pelos gregos, os bulgaros ou os judeus da Romania, a França renunciava a toda a reivindicación do seu direito e justiça.

Não, a França não devia, não podia ir a Berlim. Não ficaria menos forte nem menos respeitada se se conservasse iso-

lada n'aquellas circumstancias. Resolvida a manter, pela sua attitude, o principio que amanhã triumphará da integridade dos Estados, poderia mofar oadamente das acções de camuão, ou repellir as timidas desculpas de *reserva*, com que os seus inimigos ou os seus defensores inhábéis procurassem explicar a sua conduta.

De resto, melhor de que o poderiam fazer todos os argumentos ou raciocinios do mundo, os acontecimentos suscitados pelas decisões do congresso de Berlim, acontecimentos que ainda estão presentes ao espirito de todos, demonstraram quanto foi vã a nossa intervenção nos negocios do Oriente, e a que perigo nos expunha a mania que tomou os nossos diplomatas de que nada se regule na Europa sem serem consultados.

O congresso de Berlim é a demonstração naval de Dulcigno maream as *«étapes»* de uma politica ambiciosa. A expedição da Tunisia parece ter sido suggerida por considerações d'um gene-

ro muito differente, que acabam de caracterisar a politica pessoal.

No terreno em que nos queremos manter, fugiremos de todas as apreciações que se assemelhem a um ataque directo a este ou aquelle homem de Estado. Na ausencia de documentos autênticos, d'uma exactidão incontestavel, não podemos penetrar os moveis secretos que determinaram o governo a submeter a um protectorado forçado um paiz independente. Mas tem-se fallado de politica colonial; tem-se invocado a segurança da nossa possessão algeriana ameaçada pelas incursões de tribus rebeldes, abertamente protegidas pelo bey de Tunis que não occultava mais a sua hostilidade contra a França. São esses motivos proclamados officialmente que discutiremos.

Se realmente foram a causa da expedição da Tunisia, não bastam para a justificar.

As fronteiras algerianas são frequentemente transpostas por merodistas vindos de Marrocos, do Sahara ou da Tunisia; mas como veem tantos, se não mais, de Marrocos e do Sahara como da Tunisia, pode-se perguntar porque foi só

castigado o bey de Tunis e não o foi também o imperador de Marrocos. Em lugar de accumular os regimentos da Algeria nas guarnições do littoral, seria talvez preferivel dividi-lo's pelos postos da fronteira, onde assegurariam aos colonos uma tranquillidade menos vã que aquella de que parecem gozar em certos pontos expostos da Algeria. Seria mais economico prevenir assim a pilhagem d'um rebanho ou d'uma tenda que ir a casa dos vizinhos, com grandes reforços de tropas, fazer pagar pelos criminosos os innocentes que nunca viram em sua vida o territorio da colonia.

Se em principio a guerra da Tunisia não teve outra razão de ser que o cuidado de proteger as fronteiras contra qualquer investida, os meios empregados estão longe de fazer honras ao talento administrativo dos nossos governantes. Se foi inspirada pelo desejo de pôr um termo ás competições d'um povo europeu a Tunis, de fazer entrar no dominio francez um paiz cobigado por outros, n'uma palavra, de inaugurar uma politica colonial, veremos em breve que não ha razão para louvar o governo pela sua empreza.

avenida. Eu vou fazer, eu vim de fazer a avenida, é o tom, é o chic, é o elegante! É a gente a aturar esta sucia d'asnos, sem ao menos poder ter o desafogo de lhe dar a salvo um pontapé! Porque, francamente, isto está tão degradante e tão baixo que já vai além de nos provocar o riso. Irrita-nos, dá-nos vontade de lhe atirar com o bico da bota! Eu vou fazer a avenida! Sucia d'asnos, que querendo-se engrandecer não fazem senão apelintrar-se com a imitação inconsciente de *faire le bois*. Nem ao menos sabem que os francezes subintendem com muita elegancia e propriedade a palavra *promenade* quando dizem *faire le bois* e que a traducção litteral d'esta phrase não representa elegancia! Nem galicismo sequer! Representa o mais monumental dos disparates. E vão-nos lá chamar *mas linguas*, por tratarmos esta sucia como ella o mereçe.

Carta da Bairrada

Um frio siberiano que enregelou a gente e faz esterilizar os campos, eis o cortejo que nos traz, na sua abertura, o povo agricultor. No entanto o trabalhador dos campos moureja pela sua vida e vai convertendo em vinhedos promettedores o que até aqui parecia um pousio improdutivo. Fazem-se actualmente grandes plantações de bacello na Bairrada, começando a accentuar-se a corrente de que esta localidade deve apenas ser uma vinha. Já ha muito que um estadista nosso aventurara a ideia de que Portugal, a ter de existir como nação agricola, devia constituir uma só vinha. Também nos inclinamos a isto, não obstante a crise em que vive a vinha europeia, cercada de tantas epyphias e presa de tantas contingencias.

vinho na estação da Mealhada e Mogofores. O serviço no caminho de ferro não pode ser mais lastimavel. Faltam os wagons, não ha pessoal para a carga e descarga, a demora no transporte dos cascos é enorme, emfim o publico é pessimamente servido.

NOTICIARIO

Os nossos curiosissimos folhetins são dignos de ser lidos por todos, principalmente por esses borbobotas d'esses opportunistas portuguezes, que no fundo são mais ignorantes do que mais. Nunca leram um bom livro, nunca souberam tratar a fundo uma questão. Hoje é esse o unico mal que lhe notamos. Leiam então, leiam, que quando lerem ficarem satisfeitos. E de futuro, o nosso maior ardor consistirá em os fazer ler. Não lhe julgamos o cerebro tão refractario, que as boas ideias e a verdade não possam lá entrar.

O nosso presado amigo e correligionario o sr. Francisco Antonio de Moura, cedeu generosamente em favor do asylo de infancia desvalida de José Estevão a importancia dos medicamentos gastos da sua pharmacia por aquelle hospicio durante o anno findo.

Foi nomeado amanuense do governo civil d'este districto o nosso estimado patrio e amigo o sr. Amadeu Paria de Magalhães.

A benemerita companhia de Bombeiros Voluntarios d'esta cidade resolveu na sua sessão de ante-hontem não festejar este anno o anniversario da sua fundação, como signal da mais subida consideração e estima pelo seu illustre commandante o sr. Francisco da Fonseca Regalla, que se acha de luto.

Foram inuteis todos os esforços para safar o patacho noroçueez *Amlhand Aall*, que ahí se pegou n'uma das restingas do canal da barra.

Melhor informados acerca da infeliz parturiente do Paço, successo que narrámos no ultimo domingo, a pericia do facultativo o sr. Regalla conseguiu extrahir a cabeça da creança, ficando a mãe livre de perigo immediato ainda que n'um estado melindroso.

Pois o marido da enferma, na sua desculpavel ignorancia, agravou-lhe novamente a situação, e é que a pobre mulher agonizava pouco depois que o desastrado lhe fazia ingerir uma mixordia caseira de vinho com assucar e alhos, que tudo, segundo a therapeutica campesina, constitue um remedio muito benefico ás parturientes.

Recebemos a visita de mais tres periodicos.

A *Aurora da Revolução*, de Lisboa, e cujo titulo synthetisa o lemmá da sua bandeira, tem á frente da sua direcção politica o conhecido republicano Alexandre José Alves. Nos acontecimentos

lugubres da Madeira, este nosso correligionario teve o seu caracter á prova de rudes inclemencias, que mais o retemperaram na lucta pelos principios democraticos.

Os numeros que temos presentes são illustrados com retratos de vultos do partido republicano.

O *Cintrense*, novel tambem nas pugnas jornalisticas, diz que tem em vista dedicar-se á defesa dos interesses moraes e materiaes dos concelhos de Cintra, Mafra e Cascaes.

O *Diario Civilizador* vai já no seu terceiro anno de vida, e tem a sede em Lisboa.

Temos em nosso poder um communicado de Sever do Vouga que não publicamos hoje por absoluta falta d'espaco.

Em Eixo, um incendio deixou na mais dolorosa situação duas infelizes, mãe e filha, de nomes Maria de S. João e Felicidade. O fogo reduziu a cinzas uma casita onde aquellas viviam e tudo o que se achava dentro do predio, ficando as pobres sem ter com que se cobrirem.

Falleceu no Rio Grande do Sul, deixando espolio, Antonio de Paula Teixeira, solteiro, com descendentes reconhecidos, natural de Albergaria-a-Velha, filho de Joaquim Antonio Teixeira e de Joaquina Marques Teixeira, anteriormente fallecido.

No vapor inglez *Malaga* chegaram de Londres para o banco de Portugal 10 caixas com 50.000 libras sterlingas; pelo paquete *Mondego*, chegado de Southampton vieram mais 16 caixas com 80.000 libras, e esperadas mais 20.000.

Pela nova convenção postal entre Hespanha e Portugal, a correspondencia entre os dois paises e possessões fica sujeita á seguinte taxa:

- Cartas, 15 grammas, 25 reis. Bilhetes postaes simples, cada um 10 reis; Bilhetes postaes de resposta paga—cada um 20 reis. Jornaes—50 grammas 2 1/2 reis. Impressos—50 grammas 5 reis. Amostras—50 grammas 5 reis. Manuscritos e papeis commerciaes—até 250 grammas 25 reis. Cada 50 grammas além de 250 grammas 5 reis. Premio de registro—cada carta, bilhete postal ou masso além do respectivo porte—idem 50 reis. Aviso de recepção 25 reis.

As correspondencias destinadas, por via de Hespanha, ás Antilhas hespanholas, Filipinas, Fernando Pó e suas dependencias, pagarão os seguintes portes:

- Cartas—15 grammas 50 reis. Jornaes—50 grammas 5 reis. Manuscritos e papeis commerciaes—até 500 grammas 50 reis. Cada 50 grammas a mais, 5 reis.

Os demais postes são iguaes aos da tabella acima.

A franquia das cartas, tanto para Hespanha como para as Antilhas, etc. é facultativa, mas a das outras classes de correspondencias é obrigatoria.

Damos em seguida na integra o projecto de lei, a que alludimos n'outro lugar d'este jornal, apresentado ás côrtes pelo deputado republicano o sr. Consiglieri Pedroso:

Artigo 1.º— É fixado em 9 horas, tanto de verão como de inverno, o dia normal de trabalho para os jornaleiros adultos em

todas as officinas, fabricas e arsenaes de estado.

§— A fixação das horas de trabalho em 5 1/2 por semana não importa uma correspondente redução do salario, nem tão pouco a supressão de um descanso diario de pelo menos uma hora.

Art. 2.º— É igualmente fixado em 9 horas o dia normal de trabalho para todos os jornaleiros adultos, empregados nas direcções de obras publicas dos diferentes districtos e em todos os outros serviços analogos por conta do Estado.

§ 1.º— Quando por motivo de urgencia, por qualquer rasão de força maior, ou pela qualidade especial do serviço os trabalhos tiverem de prolongar-se além do maximo legal de 9 horas por dia será esse acrescimo de tempo pago á parte como serviço suplementar.

§ 2.º— As empreitadas, tarifas e outras fórmas de contrato de trabalho, continuarão a regular-se pela legislação em vigor, até que uma lei especial prescreva as condições do seu exercicio.

Art. 3.º— São equiparados ao Estado para todos os effeitos da presente lei os districtos e os municipios.

Art. 4.º— Fica incumbido o governo de proceder pelo ministerio das obras publicas a um inquerito com o fim de colligir os dados indispensaveis para serem applicadas ás grandes companhias, desde já, e progressivamente á restante industria particular, as disposições dos artigos 1.º e 2.º e seus §§ do presente projecto de lei.

Art. 5.º— O resultado do inquerito a que se refere o artigo antecedente deverá ser presente á camara dos deputados na sessão immediatamente posterior áquella em que tiver sido convertido em lei o presente projecto.

Art. 6.º— Fica revogada toda a legislação em contrario.— Sala das sessões da camara, em 10 de janeiro de 1886.— O deputado, Z. Consiglieri Pedroso.

Foi de 9.012:215:562 réis a receita publicada nos mezes de julho a outubro de 1885.

A despeza foi de 13.004:886:505 réis. Houve pois, só em quatro mezes, 3.992:671:8243 réis de deficit.

O evangelico patriarcha de Lisboa despediu d'uma das habitações do pateo do seu palacio um infeliz operario só pelas simples suspeitas de que elle dava para os jornaes informações a respeito das indignidades praticadas no paço patriarchal.

Está no seu campo o manso frei José dos Quaraões.

O moço artista, acrescenta *A Voz do Operario*, foi expulso do pateo muito tempo depois de ter sido applicado equal rigor a uma senhora idosa, que habitava o palacio, e lá foi morrer para Campolide enquanto sua eminenca, filho da pobre abandonada, se entretinha em salutareos exercicios catholicos com as filhas de Maria.

E assim a caridade do castelão de S. Vicente de Fóra!

E querem os administradores nacionaes de Portugal animar a emigração para as nossas colonias africanas, quando os ingenhos que para lá foram se encontram logrados, completamente abandonados pelo auxilio official!

D'essa forma o elemento trabalhador ha de afastar-se sempre da região, onde seria relativamente facil acclimatar-se se o governo o protegesse como lhe cumpria, visto que uma vez guiada a corrente de emigrantes á vista de resultados vantajosos, o solo africano seria n'um periodo não muito distante o uberrimo manancial de prosperidade e o unico futuro positivo do bem estar nacional.

quem promessas não cumpridas levaram até aquellas paragens. Alguns dos periodos da carta referida dão as côres ao quadro da colonia de Mossamedes. Eil-os:

«Vou-lhe participar á desgraça em que está a gente que para aqui veio contractada em colonias. Foram mandados para a serria, longe de mim cinquenta leguas, n'um lugar onde soffrem muita fome; o milho está lá a 1:000 réis o alqueire, o trigo a 2:250 réis; o feijão a 1:800 réis, o arroz a 300 réis o kilogramma e todos os outros viveres da mesma forma caros.

Ha já muitas mulheres a servir em casas só pelo comer e outra qualquer insignificancia. Outras mulheres tem-se amancebado com homens que nada possuem e outras casado com degradados nas mesmas condições, com os homens succede a mesma desgraça, de forma que causa dô ver como aqui se trata a gente da Madeira.»

Isto não é só vergonhoso. E tanto mais censuravel pelas consequências fataes que acarreta á vida das colonias, que nunca poderão elevar-se á altura aonde poderiam chegar, se aos destinos do paiz presidissem homens inspirados nos principios sacrosantos do bem patrio.

Noticias de Loanda dizem que o bispo da diocese tencionava levar a effeito n'aquella cidade, a inauguração de uma aula de lingua n'bunda, onde se instruirão todos os ecclesiasticos que forem lá para missionarios.

—Prestou vassallagem ao governo portuguez o sobba da Quissama, *Muxima, aquitangombe*. Foi em seguida baptisado, em Muxima, pelo padre José Maria de Moraes Gavião.

Para evitar fraudes ou erros nas votações dos Paramentos alguns periodicos francezes propõem a adopção do systema electrico, que já se segue em Roma, onde os deputados, assentes sempre no mesmo sitio, estão pondo o dedo n'um dos dous botões com a indicação *sim* e *não*, collocados em cada assento. O nome do votante apparece n'um dos dous quadros correspondentes nos botões fixados na parede de traz da meza da presidencia. Este processo tem tambem a vantagem de apressar as votações nominaes. O mecanismo é extremamente simples. Para regular o apparelho basta que no principio da legislatura cada deputado indique a cadeia que deseja occupar.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo, de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorizados.

Bismarck não jogou em falso na apropriação das ilhas Carolinas. Desvaneceram-se os furores da justa indignação hespanhola ante o attentado ignobil da Alemanha; mas Bismarck, o arrogante chancellier, teve de bajular o Vaticano, instigando que o papa fosse o arbitro na questão.

Leão XIII, um politico perspicaz, quiz retribuir á heterodoxa Alemanha a amabilidade formulando o seu *verdictum* manifestamente attentatorio dos direitos hespanhoes aquellas ilhas. E não se esqueceu de cumprimentar Bismarck em termos os mais suaves e amigaveis.

Essa attitude representa uma dupla affronta para a nossa visinha: o desrespeito pela sua propriedade e a desconsideração por um Estado orthodoxo, que paga aos sectarios do Vaticano para exercerem o catholicismo no territorio hespanhol. O papa tinha apenas em vista contentar ambos os antagonistas com argumentos sophistas ou ambiguos, porem não podia realisar os seus intuitos com apazimento das partes n'uma controversia que não admitta

meio termo. Conseguiu evidenciar preferencias que seriam o germen de ruptura com a curia se na Hespanha o governo tivesse a independencia e a dignidade que são raros de encontrar em administrações que emanam do dircito divino.

Animada com o procedimento de Leão XIII, a Alemanha insiste no proposito de consumir o attentado, annexando o resto do archipelago Carolino. El Progreso é que insere o telegramma annunciando o vil procedimento que se apoia no direito da força. Diz o citado telegramma:

«Acaba de receber-se n'esta capital um telegramma gravissimo de Berlim. A Alemanha tomou posse formal de grupo Marchal, chamado Carolinas Orientaes. Aqui considera-se o golpe como o terceiro passo de Bismarck para as Filipinas: o primeiro foi a occupação de Yap, o segundo o protocolo de Roma. A colonia hespanhola de Londres está indignada.»

Talvez o incidente se complique e provoque um serio cataclismo que mude radicalmente o estado politico da nação vizinha. Quem sabe até aonde irá a indignação hespanhola á vista da pusillanidade do seu governo.

A's vezes as causas produzem effeitos muito outros dos que se esperavam.

O Diario de Barcelona, increpa com energia o duque de Sevilla pelo desrespeito que manifestou á regente de Hespanha ultimamente. O irrequieto Bourbon, segundo aquelle diario, é duplamente delinquento, porque é tambem ingrato. Recebe por mez, da viuva de D. Affonso 1000 reales, e igual quantia da infanta Izabel, e diz-se que o duque de Montpensier lhe dá tambem uma pensão importante. Alem d'estas quantias, é fora de duvida que em fins de outubro lhe foram entregues por ordem de D. Christina e D. Affonso 20:000 reales, e que este monarcha e sua segunda mulher lhe deram generosamente durante o anno 20:000 pesetas. para gastos de ostentação.

O caso passa-se nos Estados Unidos, no paiz mais extraordinario dos tempos modernos. E' assim que o Correo dos Estados Unidos conta a historia:

John Longwell, de Charleston Pensylvania, soffria, havia dois annos, de ataques terribes, depois dos quaes ficava desfallecido durante algumas horas. Os medicos perdiam com a doença o seu latin e sorriam com ar de inerudidade, quando o paciente lhes dizia que lá dentro do estomago sentia mover-se uma creatura viva, fazendo esforços por lhe subir á garganta.

Um bello dia o medico, cedendo aos seus rogos, administrou-lhe uma forte dose de emetico, observando-lhe que, se não lhe fizesse bem, mal não lhe podia fazer.

O estomago de Longwell torcia-se com caimbras dolorosas e depois de esforços sobrehumanos expelliu duas cobras vivas, das quaes uma media quatorze pollegadas e a outra um pé.

Os reptis pulavam de alegria por se verem livres do regimen cellular. Pelo seu lado, Longwell tambem estava encantado de se ter desembaraçado d'elles. E, como é um homem pratico e sabe tirar proveito das occasiões, á satisfação de estar curado ajuntou logo a de tirar um proveito pecuniario da sua estranha aventura. Poz as cobras n'uma caixa envidraçada e tenciona exhibil-as.

Os medicos já não negam que o doente tivesse creaturas vivas no estomago, chegando mesmo a achar a explicação do phenomeno.

Segundo elles, o nosso homem, quando bebeu agua n'uma nascente, devia ter engulido ovos de cobra de agua, e de dentro

dos ovos, no estomago, saíram as pequenas cobras que com o tempo se tornaram grandes, não cessando de crescerem e de se aforiosarem até o momento em que foram expulsas da sua prisão já demastado estreita.

Dos nossos amigos srs. Mourão & Irmão acabamos de receber o seguinte:

JOSE EDUARDO MOURÃO & IRMÃO convidam os seus amigos e freguezes e Ex.ªs freguezas a visitarem o seu estabelecimento de ourivesaria, na rua de José Estevam, onde encontrarão um variadissimo e mimoso sortido de objectos d'ouro e prata, proprios da estação e ultima novidade no paiz.

Os MILHÕES DO CRIMINOSO são a ultima e a mais interessante obra de Xavier de Montepin, auctor dos romances: «O Fiacre n.º 13, Misterios de uma herança, Crimes de uma associação secreta» e «As mulheres de Bronze».

1.ª parte — O Incendiario.
2.ª parte — O grande industrial.
3.ª parte — A luz da verdade.
Edição ornada com primorosas gravuras e com chromos a finissimas cores, dos quaes o primeiro é a retrato de Montepin.

Cada chromo 10 réis — 50 réis semanaes.

Brindes á cada assignante: 100:000 réis em 3 premios pela loteria e um magnifico album das principaes vistas de Belem no fim da obra.

Assigna-se na empreza editora Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, 1.ª Lisboa.

livraria do editor Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada, 214 a 217, Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Em Aveiro assigna-se na livraria do sr. David da Silva Mello Guimarães.

O incançavel editor portuense, Eduardo da Costa Santos, já tem muito adiantada a publicação do «ARGENTO-MOR DE VILLAR» (2.ª edição illustrada.)

A obra constará de dois volumes in 8.º, e será illustrada com doze gravuras. No Porto, será distribuida em cadernetas de 64 paginas e uma gravura, pelo preço de 100 réis cada caderneta, pagos no acto da entrega. Não excederá a 12 cadernetas, que serão distribuidas quinzenalmente.

Para as provincias só se aceitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de CINCO FASCICULOS, excluindo as despesas de porte do correio, que serão pagas á custa da casa editora.

Concluida a publicação da obra, a casa editora distribuirá por todos os srs. assignantes uma esplendida gravura executada expressamente na Alemanha.

Assigna-se na Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos, Editor, Rua de Santo Ildefonso — 4 e 6 — PORTO.

Acha-se bastante adiantada a publicação dos «MISERAVEIS», de Victor Hugo, esplendida edição portuense, illustrada com 500 gravuras novas, compradas ao editor parisiense Eugène Hugues.

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanaes de 32 paginas ao preço de 100 réis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, sendo a assignatura paga adiantada e na importancia de 5 fasciculos.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6 — Porto.

A Bibliotheca do Cara d'Aldela, que editou o interessante romance «OS PREDESTINADOS» acaba de ultimar o terceiro volume d'esta obra.

Preço de cada volume 500 réis. Para os srs. assignantes 450 réis. Está no prelo, e já muito adiantada a impressão do 4.º volume.

Para as provincias far-se-ha a expedição, franca de porte, mediante pagamento adiantado.

Ainda se recebem assignaturas na

BIBLIOGRAPHIA

Seroens de S. Miguel de Seide, chronica mensal de litteratura amena, novellas, polemica mansa, critica suave dos mais livros e dos mais costumes, por

Camillo Castello Branco. — Recebemos o 2.º volume. O seu auctor é a mais alta recommendação de merecimento da obra.

A edição é do incançavel editor portuense Eduardo da Costa Santos, a quem deve ser dirigida a correspondencia, para a rua de Santo Ildefonso, 4, 6 — Porto.

Catalogo do Gabinete de Leitura da Livraria Popular, de R. A. de Figueiredo, de Lisboa.

—Recebemos e agradecemos um exemplar d'aquelle catalogo. A Livraria Popular tem á venda obras dos mais distinctos escriptores nacionaes e estrangeiros.

Todos os pedidos a R. A. de Figueiredo, rua Augusta, 220, 222 — Lisboa.

A Semana. — Saiu já o n.º 4 d'esta publicação — revista de sciencia, litteratura e artes, dirigida pelo nosso amigo Alberto Besa.

Os pedidos d'assignatura devem ser dirigidos ao administrador José Francisco Gomes da Veiga, rua de Santa Catharina, 251 — Porto.

Revista de Medicina Dosimetrica. Recebemos o numero 14 do 3.º anno

Assigna-se na pharmacia M. J. Pinto & C.ª, Loyos, 36 — Porto.

O Pastelleiro de Madrigal. — Recebemos o fasciculo n.º 9. E' editora a Empreza Noites Romanticas.

Assigna-se em Lisboa, na rua d'Atalaya, 18.

Os milhões do criminoso. — Recebemos o fasciculo 5 d'este esplendido romance editado pela empreza Serões Romanticos.

O entrecho d'esta caderneta e como se segue:

A sorte da pobre Joanna Fortier está agora fixada. O proprietario da fabrica ordenou-lhe que deixasse o lugar que ali desempenhava. Jacques Garaud, conhecedor dos segredos do inventor Julio Labroue, pensa em atraiçoar aquelle, que havia depositado n'elle a confiança necessaria para lhe revelar os detalhes do seu novo invento. Prevê-se desde logo que o contra-mestre ha de aproveitar para mau fim as revelações, de que o fez depositario a boa fé de Labroue. Sobre este ponto deixamos de ter duvidas, quando observámos que Jacques Garaud vae de noite moldar em cera os detalhes de uma fechadura. Faz a Joanna Fortier infames propostas, que a honesta viuva nem mesmo chega a comprehendem bem. Em vez de concorrer á entrevista, que lhe fôra assignada por Jacques Garaud, não trata senão de cumprir as obrigações do seu cargo conscienciosamente e com o maximo escrupulo. A's onse horas da noite sae do quarto para ir fazer a sua inspecção habitual nas officinas; mas estala subitamente uma trovoadá horrorosa, que a obriga a ficar junto do filho aterrorisado.

Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26 — Lisboa.

A Illustração Portugueza. — Recebemos o n.º 25 do segundo anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar — Lisboa.

Typ. do «Povo de Aveiro»

Rua da Alfandega, n.º 7

ANNUNCIOS

ARREMATACÃO

Pela Delegação d'Alfandega do Porto em Aveiro, se faz publico que a requerimento do consignatario do Patacho Norueguez *Armand Aall*, naufragado na barra d'esta cidade, se hade proceder á arrematação do casco, visto e não visto do referido navio, no dia 20 do corrente pelas 11 horas da manhã no local do naufragio.

Delegação d'Alfandega do Porto em Aveiro 16 de janeiro de 1886.

O escrivão do expediente,

Joaquim Pedro de Brito Vidal.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Depósito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

COM OFFICINA DE SERRALHERIA EM AVEIRO

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os sistemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO

E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 500 réis semanaes, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER," AVEIRO—75, Rua de Jesé Estevam, 79— AVEIRO (Pegado á Caixa Economica)

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo, e approvado pela Junta consultiva de saude publica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debolis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dipepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgaos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescência de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellent «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toasta», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envoltorios das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Depósito geral na pharmacia Franco, em Belem.

Depósito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

GENEBRA SEM RIVAL

superior a quantas até hoje teem apparecido no mercado

DA ANTIGA FABRICA DE

C. C. MOREIRA & C.ª

Premiada na ultima exposição de Lisboa.

Consumo e acolhimento geral em todo o paiz.

Depósito em todos os estabelecimentos de mercearia e outros do Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) MOREIRA & C.ª e a rolha com a firma (FACSIMILE) dos fabricantes.